

ANÁLISE JUNGUIANA DA DUPLICIDADE EM A MORTALHA DE ALZIRA, DE ALUÍSIO AZEVEDO

Naiara Sales Araújo Santos
Lívia Fernanda Diniz Gomes

RESUMO

A temática relacionada à duplicidade sempre esteve presente na história da evolução da cultura humana, muitas vezes para a explicação de vários aspectos da vivência em sociedade e sua origem, através de mitos e lendas, por exemplo. A mitologia tornou-se elemento para a construção do conhecimento e das artes, como a literatura, que por vezes apresenta as problemáticas relacionadas à psicologia humana. Na literatura fantástica, o duplo configura-se como um dos elementos que provocam a hesitação no leitor, representando aspectos duais da psique humana, sob as dicotomias bem/mal, físico/espiritual, sonho/realidade, consciente/inconsciente. O presente trabalho, que tem como objeto de análise a obra fantástica *A Mortalha de Alzira* de Aluísio Azevedo, utiliza-se da hipótese dos arquétipos do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung para analisar as imagens arquetípicas utilizadas na construção da personagem Ângelo. Como resultado, encontrou-se que Ângelo projeta sua inconsciência no Ângelo boêmio, que corresponderá a seu duplo negativo e Sombra: a manifestação do que condiz ao inconsciente pessoal, representando sentimentos e pensamentos por ele reprimidos na tentativa de manter-se de acordo com os padrões e normas que lhe são impostas.

Palavras-chave: Duplo. Literatura Fantástica. Sombra. Arquétipo.

1 INTRODUÇÃO

A temática relacionada à duplicidade sempre esteve presente na história da evolução da cultura humana desde a Antiguidade, muitas vezes para a explicação de vários aspectos da própria vivência em sociedade ou origem da mesma. Por essa razão, diversos mitos e lendas propõem-se a justificar alguns fatores relacionados à criação da humanidade, transpassando pelo desdobramento do homem, tanto psicológica quanto fisicamente, fazendo-o deparar-se com seu duplo. Neste sentido, o pesquisador João Emeri Damasceno, em menção aos escritos da professora e estudiosa de duplo literário Nicole Fernandez Bravo, diz o seguinte:

Diversos aspectos do duplo estão relacionados a antigas lendas germânicas em que surgem espíritos protetores de alma, almas viajantes e presságios de morte. As civilizações maias, astecas e incas cultuavam deuses com sexualidade dupla dependendo deles para manifestações benéficas ou maléficas em favor dos povos pré-colombianos. O deus mexicano Ometeotl é chamado de deus dois. Na tradição cristã descrita pela Bíblia no livro do Gênesis tem-se o homem sendo dividido para a criação da mulher (BRAVO apud DAMASCENO, 2010, p.12).

Com o passar dos séculos, a mitologia tornou-se um dos elementos para a construção do conhecimento, passando a engendrar em vários campos das artes, como a literatura, que sempre esteve intrinsecamente relacionada à evolução da humanidade e apresenta, dentre outros tópicos, as problemáticas relacionadas à psicologia humana. Desta forma, muitas obras literárias se propuseram a tratar do duplo, denotado sob as diversas estéticas literárias existentes, sendo o tema tratado sob as perspectivas e características de cada período.

Segundo o crítico literário búlgaro Tzvetan Todorov, a literatura fantástica tem por característica basilar a hesitação provocada no leitor, que se dá através de um acontecimento que à princípio não pode ser elucidado pelas leis que regem um determinado mundo (TODOROV, 2012). Esse acontecimento, retomado por outros estudiosos do fantástico literário como o espanhol David Roas e o português Filipe Furtado, pode ser chamado de elemento insólito. A presença do duplo, que pode irromper nas narrativas fantásticas como elemento insólito, representa aspectos da dualidade da psique humana, sob as dicotomias bem/mal, físico/espiritual, sonho/realidade, consciente/inconsciente.

Na psicologia, esta temática foi retratada e analisada por diversos estudiosos da área, havendo várias justificativas para o desdobramento do indivíduo. A Psicologia Analítica do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, da hipótese dos arquétipos, utilizou-se do tema para tratar da relação entre consciente e inconsciente humano, sendo o arquétipo Sombra designado à manifestação daquilo que condiz ao inconsciente pessoal, representando, desta forma, sentimentos e pensamentos que o indivíduo reprime na tentativa de manter-se de acordo com os padrões e normas que lhe são impostas.

Diante disto, o presente trabalho visa fazer um estudo da duplicidade humana, tendo como objeto de análise a obra fantástica *A Mortalha de Alzira* de Aluísio Azevedo para tratar do desenvolvimento da personalidade através das relações entre o eu e o inconsciente. Para tal, será feita uma análise das imagens arquetípicas utilizadas na construção da personagem Ângelo que acaba por projetar sua inconsciência no ser resultado dessa fragmentação, o Ângelo boêmio, que corresponderá a seu duplo negativo.

Portanto, o estudo será apresentado da seguinte forma: a primeira sessão será designada aos pressupostos teóricos para a fundamentação do duplo enquanto manifestação do arquétipo Sombra no indivíduo, bem como a que confirmará a presença do mesmo na literatura; e a segunda sessão ficará destinada à análise da obra em que os personagens supramencionados inserem-se.

2 O ARQUÉTIPO SOMBRA: o duplo na psicologia e na literatura fantástica

A literatura tem incorporado ou servido de base para estudos de muitos aspectos que envolvem o lado subjetivo humano relacionado ao seu subconsciente. Segundo Bravo (apud DAMASCENO, 2010), a relação entre psicanálise e literatura intensificou-se desde o século XX, relacionando-se com as questões voltadas para a dualidade de consciência. Muitos psicólogos e psicanalistas também têm estudos pautados na temática do duplo. Alguns deles, tais como Otto Rank, sugerem que a dualidade na literatura é fruto também da mente dúbia dos próprios autores. Assim, sua pesquisa volta-se também para a necessidade dos próprios autores em desdobrar-se.

Para a teoria Psicologia Analítica de Carl Jung, a manifestação dessa dualidade está ligada ao lado sombrio do inconsciente humano, representado pelo arquétipo da Sombra, constituindo-se de pensamentos ocultos pelo indivíduo. Como ressalta “O processo de individuação”, escrito pela Dr^a. Marie Louise von Franz para *O Homem e seus símbolos* (1961), este arquétipo também se relaciona a “qualidades e atributos desconhecidos ou pouco conhecidos do ego – aspectos que pertencem, sobretudo à esfera pessoal e que poderiam ser conscientes”. Por isso, von Franz (apud DAMASCENO, 2010, p. 26) conclui: “Portanto, seja qual for a forma que tome, a função da sombra é representar o lado contrário do ego e encarnar, precisamente, os traços de caráter que mais detestamos nos outros”.

Logo, o arquétipo Sombra seria a representação dos sentimentos incompatíveis com o complexo do eu e que seriam reprimidos estando, portanto, relacionado, em parte, à necessidade de atender ao conjunto de normas estabelecido coletivamente.

Joseph Campbell, mitólogo e autor de *O Herói de Mil Faces*, foi deveras influenciado pelos estudos de C. G. Jung na construção de sua obra mais conhecida e influente. Dentre os diversos arquétipos e imagens arquetípicas, Campbell trata da questão do duplo enquanto oposto ao herói, através do exemplo do mito sumeriano acerca das deusas irmãs e inimigas Inana e Ereshkigal, e do acontecimento do seu confronto:

Inana e Ereshkigal, as duas irmãs, luz e trevas respectivamente, representam, juntas — nos termos da antiga simbologia —, a mesma deusa dividida em dois aspectos; seu confronto resume todo o sentido do difícil caminho de provas. O herói, deus ou deusa, homem ou mulher, a figura de um mito ou o sonhador num sonho, descobre e assimila seu oposto (seu próprio eu insuspeitado), quer engolindo-o, quer sendo engolido por ele. [...] Então, descobre que ele e seu oposto são, não de espécies diferentes, mas de uma mesma carne (CAMPBELL, 1995, p. 61).

Este mito ilustra como, desde os primórdios, a humanidade tende-se a desdobrar-se em opostos, que, logo, serão apresentados como duas facetas de um mesmo indivíduo, “engolindo” uma delas ou deixando-se ser “engolido” por ela.

Já Christopher Vloger, escritor e roteirista de Hollywood, escreve seu *A Jornada do Escritor* amplamente influenciado por Jung e Campbell – como ele mesmo bem o diz no prefácio de sua obra. Nela, Vloger trata da Jornada do Herói e dos arquétipos presentes nela: tipos de personagens que possuem funções específicas na sua interação com o herói. Por vezes, essas funções chegam a ser exercidas pelo próprio herói, demonstrando como ele é capaz de ter várias facetas, de fato. Dentre os sete mais comuns e recorrentes, o autor destaca o arquétipo da Sombra.

O arquétipo conhecido como *Sombra* representa a energia do lado obscuro, os aspectos não-expressos, irrealizados ou rejeitados de alguma coisa. Muitas vezes, é onde moram os monstros reprimidos de nosso mundo interior. As Sombras podem ser todas as coisas de que não gostamos em nós mesmos, todos os segredos obscuros que não queremos admitir, nem para nós mesmos. As características a que renunciamos, ou que tentamos arrancar, ainda sobrevivem e agem no mundo das Sombras do inconsciente. [...] A face negativa da Sombra, nas histórias, projeta-se em personagens chamados de vilões, antagonistas ou inimigos (VLOGGER, 2006, p.83).

Dessa forma, o arquétipo Sombra condiz aos sentimentos reprimidos, as características suprimidas e a tudo passível de ser escondido, em seu aspecto positivo e negativo, mas que ainda permanecem no inconsciente, projetando-se em vilões, antagonistas ou inimigos das histórias.

Uma das funções dramáticas da Sombra é trazer o que há de melhor no herói através do desafio. Nas palavras de Vogler (2006, p.84), “Costuma-se dizer que uma história é tão boa quanto seu vilão, porque um inimigo forte obriga o herói a crescer no desafio”. O vilão seria, portanto, a representação dos desafios que devem ser vencidos pelo herói, e que estariam associados aos próprios medos e sentimentos reprimidos por este. A superação destes sentimentos, ao fim da trama, acarretaria no próprio amadurecimento do herói. O autor ressalta ainda que a Sombra tanto pode ser uma personagem ou força externa ao herói, como pode ser uma face dele mesmo que é reprimida para que seu lado bom se sobressaia.

No que tange ao fantástico, pode-se dizer que não há realidade absoluta, o que há, na verdade, são relações entre o consciente e inconsciente, através das imagens mentais, como observado por Jung e ressaltado pelo pesquisador Jefferson Vasques Rodrigues (2005):

Longe, portanto, de ser um mundo material, esta realidade é um mundo psíquico que só nos permite tirar conclusões indiretas e hipotéticas acerca da verdadeira natureza da matéria. Só o psíquico possui uma realidade imediata, que abrange todas as formas, inclusive às idéias e pensamentos “irreais”, que não se referem a nada de exterior (RODRIGUES, 2005).

Segundo Rodrigues (2005), havendo uma ambiguidade acerca da origem de uma imagem mental, se esta seria proveniente de mundo externo (percepções) ou interno (sensações, imaginação), surge, então

o estado de hesitação e simultaneidade pelo qual se caracteriza, em termos psicológicos, a fantasia. Essa impossibilidade de distinção pode ocorrer em estados alterados de consciência ou então pela projeção: um complexo afetivo (libido) associado a um objeto invade a estrutura consciente devido a repressão unilateral (a paixão é um exemplo) (RODRIGUES, 2005).

Segundo o autor supramencionado, essa hesitação real é a mesma hesitação do texto fantástico, explicitada por Todorov. Ele ainda ressalta que

A oscilação entre uma explicação racional e conhecida (consciente) e a aceitação irracional de um evento estranho às leis da natureza (inconsciente) acaba promovendo a simultaneidade desses aspectos. Além disso, para que exista a hesitação é necessário que o leitor “participe” do texto e ao mesmo tempo perceba seu papel de receptor. Portanto o leitor não poderia interpretar o texto alegoricamente, o que o colocaria muito distante da narrativa, nem poeticamente, o que impediria o distanciamento necessário (RODRIGUES, 2005).

Portanto, as manifestações do inconsciente estariam intimamente relacionadas aos elementos que formarão o universo propício para a formação do fantástico. De acordo com Jung, na explanação de Rodrigues (2005), pois

Quanto mais limitado for o campo consciente de um indivíduo, tanto maior será o número de conteúdos psíquicos (“imagos”) que se manifestam exteriormente, quer como espíritos, quer como poderes mágicos projetados sobre vivos (magos, bruxas). Num estágio superior de desenvolvimento, quando já existem representações da alma, nem todas as imagens continuam projetadas (quando a projeção continua, até mesmo as árvores e as pedras dialogam); nesse novo estágio, um complexo ou outro pode aproximar-se da consciência, a ponto de não ser percebido como algo estranho, mas sim como algo próprio.

Logo, as realidades psíquica e ficcional vêm dialogando e confrontando os limites do real, estabelecidos por padrões específicos, representando, ainda, uma tentativa de elucidar um elemento

desconhecido ou em processo. A literatura fantástica seria, então, a representação desse processo, colocando questões, à própria literatura, sobre a própria realidade.

3 O DUPLO EM *A MORTALHA DE ALZIRA*: padre Ângelo e seu homônimo

A Mortalha de Alzira, do maranhense Aluísio Azevedo, foi originalmente publicado em 1881 como romance-folhetim na Gazeta de Notícias, e recebeu grande influência da novela fantástica de Théophile Gautier chamada *La morte amoureuse*, escrita em 1836 (MÉRIAN, 1988, p.471). Dentro desse contexto finissecular que era caracterizado, dentre outras coisas, por fortes embates à Igreja, Azevedo utiliza sua obra para também criticar a instituição, tanto pelo fato de impedir o pensamento livre, quanto pelos escândalos que a envolviam. Isto posto, deve-se dizer que Ângelo será o personagem que sustentará esta crítica, visto que o personagem fora criado por seu mentor com o intuito de se tornar um padre imaculado, mas, em dado momento, acaba por se deparar com vários conflitos em seu inconsciente, relacionados à oposição entre seu caminho predestinado e os sentimentos que não condiziam com a sua vida paroquial.

Quando era ainda um bebê, Ângelo fora abandonado às portas de um seminário e foi criado por um padre chamado Ozéas, que assim o fez como forma de compensar sua própria vida paroquial que na juventude foi pautada em escândalos. Isto justifica a tentativa de Ozéas em tornar Ângelo um padre sem nenhuma mácula, o “Messias de sua alma” (AZEVEDO, 2000, p.7). Ângelo não teve contato algum com o mundo exterior e os poucos que sabiam de sua existência acreditavam que ele estava predestinado a uma missão sagrada.

Logo no início da obra, são ressaltadas as características que lhe dão uma aparência divinal: “Parecia um arcanjo em dulcíssimo com a Divindade. Dir-se-ia que ele, de um instante para outro, ia desprender-se da terra e partir lentamente para Deus, como a própria súplica que lhe agitava as rosas da boca e se evaporava como um perfume” (AZEVEDO, 2000, p. 13).

Todos os que compareceram à primeira missa do padre Ângelo, até mesmo o rei Luiz XV, se sentiram profundamente comovidos por sua santidade e eloquência, o que o fez conquistar para si honrarias por parte do rei e a atenção da nobreza de Paris.

Anterior ao seu primeiro contato com o mundo exterior, porém, o narrador expõe características acerca de Ângelo que indicam que sua inclinação não era puramente religiosa. Caso não tivesse passado grande parte da vida em clausura, o rapaz certamente seria robusto, o que certamente chamaria muito mais a atenção das damas da corte – efeito que já causava mesmo sendo pálido e franzino. Além disso, de todos os livros da Bíblia que tinha ao seu dispor, eram os cânticos de Salomão que mais o chamavam atenção e o inspiraram a escrever acerca do amor e de uma musa que ele ainda não conhecia, versos que compõem o quarto capítulo da obra de Azevedo e expõem os primeiros pensamentos estranhos que passam pela cabeça do casto Ângelo.

Esses pensamentos são intensificados no decorrer da trama, em especial quando o padre conhece a jovem Alzira, uma cortesã com uma vida regada a luxos e à materialidade, formando um contraponto à persona de Ângelo. Do momento em que contempla a jovem durante a celebração de sua segunda missa em diante, o padre passa a viver um embate interno entre seu dever de sacerdote

e os sentimentos profanos por Alzira. Ela também se apaixona por ele e o procura para confessar a respeito, mas o presbítero mantém em secreto eu dilema e trata a jovem com frieza. Por isso, os dois não chegam a consumir o que sentem em vida, no plano da consciência.

Desse momento em diante, Ângelo é descrito como alguém abatido que não mais possui o brilho da devoção inabalável, tornando-se uma sombra do que antes fora. A duplicidade de Ângelo se manifestará quando Alzira, acometida por uma doença terminal, vem a falecer e o padre é chamado para dar-lhe a extrema-unção. Ao vê-la desfalecida, vestida em sua mortalha, Ângelo fica muito abalado, confessa seus sentimentos, acaba por ter o que o médico da história, Dr. Cobalt, chama de “crise de letargia histérica”. Durante seu suposto sono, Ângelo vê sua amada levantar-se e é no plano do inconsciente do rapaz que os dois consomem seu amor.

Ao despertar, Ângelo questiona se o que se passou em sua imaginação pode ser considerado pecado e se é digno de celebrar a missa prestes a iniciar. A partir deste momento, Ângelo e Alzira sempre se encontram nos sonhos do padre, vivenciando momentos que nunca, na realidade, desfrutaram juntos. Ângelo descobre o mundo dos mortos e também sentimentos negativos que nunca houvera manifestado.

A dualidade em Ângelo torna-se então ainda mais clara, uma vez que o sacerdote passa as noites compartilhando momentos com Alzira e os dias lamentando o que se passara e aguardando o momento de encontrá-la novamente. Nota-se, então, que a sombra do padre é projetada em seus sonhos, visto que eles são reflexos de seu próprio inconsciente. O padre passa seus dias ansiando pela hora de dormir, para encontrar Alzira e manifestar o lado negativo que reprime enquanto padre. Um exemplo disto ocorre quando, em sonhos, Ângelo observa a grande riqueza que passou pelas mãos de Alzira em vida e deseja ardentemente ser ele um milionário em posse de todo aquele tesouro. Momentos depois, ele cai em si:

— Oh! deixa-me! Afinal não passo de um pobre aventureiro, sem o menor prestígio, sem ter sequer um nome de família! não passo de um miserável, sem passado e sem futuro, uma sombra de homem, sem esperanças e sem saudades! Não sou ninguém! ninguém! (AZEVEDO, 2000, p.19).

O Ângelo dos sonhos que passeia com Alzira no mundo dos mortos de fato nada mais é do que a sombra do que poderia ter sido, caso não houvesse sido abandonado por seus pais e padre Ozéas não o tivesse recolhido quando ainda recém-nascido.

— Também no outro mundo tenho reminiscências de uma vida inteira. Lembro-me do colégio, das férias passadas com parentes, dos afagos de meus pais... sim! porque lá não sou um miserável enjeitado... tenho família e tenho amigos... E' uma vida completa e perfeita! Esta outra existência obscura, de pároco de aldeia, apresenta-se-me então ao espírito como um sonho extravagante e ridículo!... (AZEVEDO, 2000, p.28).

Seus desvios morais evoluem de tal forma que o Ângelo dos sonhos assassina e bebe o sangue daqueles que tentam tomar Alzira de si. A sombra ri-se da ingenuidade do pároco, ao passo que este repudia veementemente as libertinagens e crimes cometidos por aquele durante as noites. Dessa forma, grande rivalidade se estabeleceu entre o padre casto e o libertino boêmio, o que levou ao desejo mútuo de extermínio do outro. Ao descer ao mundo dos mortos para confrontar seu duplo das sombras, eis o que o presbítero ouve da sua persona negativa:

— E que tens tu com isto, hipócrita?... interrogou o Ângelo boêmio, recuperando o sangue frio. Acaso vou eu tomar-te contas das ridículas pantominices que levas a praticar durante o dia em Monteli?... Interrompo porventura a farsa das tuas missas, quando charlataneias o teu irrisório latim e ergues ao ar, espetaculosamente, dois dedos de vinho e três de obreia, proclamando que é sangue e corpo de Cristo... o que vais ingerir?... Já fui eu lá dizer-te ao ouvido que isso é uma truanice, tão digna de desprezo quanto de lástima?... Já fui eu lá insinuar aos teus devotos que os teus milagres são mentira, como é mentira a tua fé! como é mentira a tua ciência, como é mentira a tua religião?... Não me venhas pois aborrecer, onde não és chamado, e volta para a tua pestilenta aldeia, que tens lá quem precise dos teus desvelos e dos teus conselhos (AZEVEDO, 2000, p. 30).

O confronto termina em um embate físico que ocorre tanto no mundo dos sonhos quanto no mundo real, demonstrando que, apesar de evitar fazê-lo, também o duplo poderia intervir diretamente na vida do padre, que por muitos já era considerado um louco.

O desarmado soltou um formidável grito de desespero e engalfinhou-se com o outro Ângelo, rolando ambos no chão, por entre os cadáveres ensanguentados, enquanto um sino ao longe principiava a badalar, chamando para a missa, e a aurora acordava a natureza, cantando um hino de gorjeios e murmúrios de floresta. O infeliz vigário acordou afinal, na vida real, banhado de suor, sufocado e aflito, a debater-se no seu leito com a própria sombra, que o estrangulava (AZEVEDO, 2000, p. 49).

Além da dualidade mostrada na própria personalidade de Ângelo, a duplicidade sonho/realidade é constante na obra, mantendo a dúvida, no padre, acerca das suas próprias experiências:

— Meu Deus! Onde começa o sonho?... Onde termina a realidade? ... Alzira teria com efeito vindo buscar-me no dia seguinte ao seu enterro? ... (Ozéas redobrou de atenção). Eu termine-a transformado em um cavaleiro e ela em formosa dama? Teríamos saído por aí afora, montados em fogosos cavalos que nos levaram a mundos desconhecidos para mim? ... Teria eu percorrido com ela todas essas paragens maravilhosas? ... Teria eu provado de todos os venenos do prazer e bebido de todos os vinhos do amor?... (AZEVEDO, 2000, p. 40).

As dúvidas de Ângelo acerca de seu próprio eu e suas vivências fazem ainda mais difusos os limites entre fato e fantasia. O evento em que padre Ozéas leva-o para desenterrar Alzira a fim de assegurá-lo de que não resta mais do que caveira do que ela uma vez fora também demonstra que sonho e realidade não podem mais se distinguir. Ao mesmo tempo em que tem a caveira nas mãos, Ângelo conversa com a sombra espectral de Alzira que determina o fim dos seus encontros. No momento em que se vê privado do delírio que até aquele momento o dominava, Ângelo clama por uma nova chance: “— Sim! sim! exclamou Ângelo. Eu quero viver eternamente contigo!... Eu quero continuar a ser uma sombra! Eu quero sonhar!” (AZEVEDO, 2000, p. 43).

Todas essas circunstâncias de sua dualidade contribuem para o fim trágico de Ângelo, quando este decide tirar sua própria vida, atirando-se de um penhasco, após matar seu próprio tutor com uma cruz.

Assim, embora tenha prevalecido sobre seus desejos pecaminosos durante a primeira parte da narrativa, Ângelo acaba por extravasar seu lado reprimido após o evento da morte de sua amada Alzira, ocasionando na personificação da sua sombra, que predomina no plano do inconsciente. Ao fim, Ângelo não mais mantém sua fé em Deus e recorre ao sono eterno com o intuito de ser, para sempre, seu eu rival.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A duplicidade humana tem sido abordada desde a Antiguidade, servindo de justificativa para a origem de determinadas sociedades ou mesmo para alguns aspectos de diferentes contextos sociais. A psicologia e a literatura se utilizaram do tema na tentativa de compreender algumas características humanas.

O psiquiatra Carl Gustav Jung, na Psicologia Analítica, utilizou o arquétipo Sombra para tratar dos sentimentos, de caráter positivo ou negativo, reprimidos pelos indivíduos. Desta forma, no estudo arquetípico de Jung, a Sombra pode ser designada como o duplo. Na literatura fantástica, o tema tornou-se um dos elementos para desencadear aspectos entre os limites do real e da fantasia.

No presente trabalho, a manifestação do duplo foi abordada sob a luz do estudo arquetípico de Jung, na obra *A Mortalha de Alzira* de Aluizio Azevedo, na qual a personagem do pároco Ângelo projeta em seus sonhos a sombra de um Ângelo boêmio que, passeando ao lado do espectro de Alzira pelo mundo dos mortos, é capaz de realizar todos os desejos, infâmias e crimes que o padre jamais poderia em sua vida de reclusão, sacrifício e castidade, levando-o a perder a noção de realidade, a própria sanidade e, por fim, a própria vida.

JUNGIAN ANALYSIS OF DUPLICITY IN A MORTALHA DE ALZIRA, BY ALUISIO AZEVEDO

ABSTRACT

The theme related to duplicity has always been present in the history of the evolution of human culture, often for the explanation of various aspects of the experience in society and its origin, through myths and legends, for instance. Mythology has become an element for the construction of knowledge and the arts, such as literature, which sometimes presents the problems related to human psychology. In fantastic literature, the double appears as one of the elements that provoke the hesitation in the reader, representing dual aspects of the human psyche, under the dichotomies good/evil, physical/spiritual, dream/reality, conscious/unconscious. The present work, which has as an object of analysis the fantastic work *A Mortalha de Alzira* by Aluísio Azevedo, uses the hypothesis of the archetypes by the Swiss psychiatrist Carl Gustav Jung to analyze the archetypal images used in the construction of the character named Angelo. As a result, it was found that Angelo projects his unconsciousness into the bohemian Angelo, which will correspond to his negative double and Shadow: the manifestation of what conforms to the personal unconscious, representing feelings and thoughts he repressed in an attempt to keep up with the standards and norms imposed on it.

Keywords: Double. Fantastic literature. Shadow. Archetype.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **A Mortalha de Alzira**. São Paulo: FTD, 2000.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.

DAMASCENO, João Emeri. **Os duplos em Dostoiévski e Saramago**. 2010. Disponível em: <<http://btd.unisc.br/Dissertacoes/JoaoEmeri.pdf>>. Acesso em: abr. 2014.

MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913)**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

RODRIGUES, Jefferson Vasques. **O fantástico e a fantasia**. 2005. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/f00002.htm>>. Acesso em: abr. 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Tradução de Ana Maria Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MINIBIOGRAFIA

Naiara Sales Araújo Santos

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Metropolitana de Londres; Professora do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Maranhão.

Lívia Fernanda Diniz Gomes

Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e graduada em Letras – Português/Inglês pela mesma instituição; integrante do Projeto de Pesquisa Ficção Científica e Sociedade - CNPq (Grupo de Pesquisa FICÇA - Ficção Científica, Gêneros Pós Modernos e Manifestações Artísticas na Era Digital).